

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Licenciatura em Filosofia

Zorenilton Tavares Reis

A AMIZADE EM ARISTÓTELES: UMA CONFIGURAÇÃO A VIDA FELIZ

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do grau
de Licenciado em Filosofia pelo Instituto
Católico de Estudos Superiores do Piauí.*

*Orientador: Prof. Dr. Dr. Wellington Cavalcante
Viana.*

Teresina

2015

ZORENILTON TAVARES REIS

A AMIZADE EM ARISTÓTELES: UMA CONFIGURAÇÃO A VIDA FELIZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau de
licenciado em Filosofia pelo Instituto Católico de
Estudos Superiores do Piauí.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho
Viana.

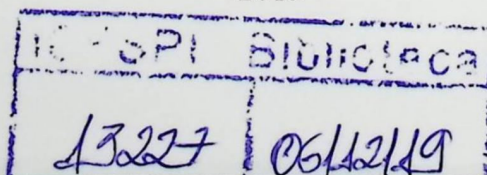
A AMIZADE EM ARISTÓTELES: UMA CONFIGURAÇÃO A VIDA FELIZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do grau
de licenciado em Filosofia pelo Instituto
Católico de Estudos Superiores do Piauí.

Orientação: Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho
Viana.

Teresina

2015



Cod. 5202
100
R375a
Ex. 01

ZORENILTON TAVARES REIS

A AMIZADE EM ARISTÓTELES: UMA CONFIGURAÇÃO A VIDA FELIZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do grau de
licenciado em Filosofia pelo Instituto Católico de
Estudos Superiores do Piauí.

Orientação: Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho
Viana.

Aprovado em, ____/____/____

Banca examinadora

Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana (ICESPI) – Orientador

Professor (a) examinador (a)

Professor (a) examinador (a)

AGRADECIMENTOS

O caminho ao fim caminhando e quando se vai ao lado de um amigo ele se torna muito longo. Assim gostaria de expressar a minha gratidão, em primeiro lugar a Deus que sempre caminha ao meu lado e ilumina o meu caminho durante esta trajetória.

A minha família, pela força e incentivo, em especial ao meu pai Zomacir Vieira dos Reis e de minha mãe Fregolinete Tavares de Silva Reis.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes no minha vida acadêmica e de modo especial ao meu orientador Prof. Dr. Dr. Edilson José Cavallini Vieira que tem dedicado com paciência e dedicação a orientação desta pesquisa, e pela disponibilização da pesquisa.

Aos amigos que se dedicaram a pesquisa bibliográfica integral e parcial da monografia.

Aos meus colegas de curso, em especial ao amigo Dr. Dr. Silva.

Aos amigos de minha cidade, em especial ao amigo Dr. Dr. Tavares.

Aos formadores, em especial ao Dr. Dr. Silva.

E de modo especial a todos os meus amigos, em especial ao Tavares, Silva, pela apoio e incentivo, que eles me proporcionaram durante esta jornada acadêmica.

Aos meus amigos!

À minha família!

AGRADECIMENTOS

O caminho se faz caminhando e quando se vai ao lado de um amigo ele se torna menos longo. Assim gostaria de expressar a minha gratidão, em primeiro lugar a Deus que sempre caminhou ao meu lado e iluminou o meu caminho durante esta trajetória.

À minha família, pela força e incentivo, na pessoa de meu pai Zoroastro Vieira dos Reis e de minha mãe Francileide Tavares da Silva Reis.

À todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e de modo especial ao meu orientador Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana por ter conduzido com paciência e dedicação a orientação desta pesquisa, e pela aprendizagem alcançada.

Aos amigos que se dedicaram na correção ortográfica integral e parcial da monografia.

Aos meus colegas de turma, na pessoa do Antonio Diêgo Silva.

Ao bispo de minha Diocese, Dom Marcos Antonio Tavoni

Aos formadores, na pessoa do Pe. Aerton Marcos.

E de modo especial a todos os meus amigos, na pessoa do Estevão Prondi, pelo apoio e presença, são eles os principais responsáveis pela motivação deste tema (Amizade).

A amizade parece consistir mais em amar do que em ser amado, do que é testemunho o prazer que as mães retiram do amar. Como a amizade consiste mais em amar, e as pessoas recebem louvor por amarem seus amigos, o amor parece ser a virtude distintiva do amigo. A conclusão é que somente os amigos que alimentam reciprocamente sua amizade com amor, segundo o merecimento de cada um, a solidificam e a tornam duradoura.

(Aristóteles)

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo apresentar a concepção de Aristóteles acerca da amizade, explorando a compreensão dos três tipos de amizade para observar qual deles melhor conduz à felicidade. O estudo é feito com base nos livros VIII e IX da obra aristotélica *Ética a Nicômaco*. Partido dessa perspectiva far-se-á um estudo sobre a amizade, no entanto, para compreender o seu verdadeiro significado fez-se necessário uma abordagem sobre a virtude a qual é definida como um hábito, em seguida é feita uma abordagem acerca da amizade. Pois, para Aristóteles a amizade é uma virtude e se apresenta essencial à vida do ser humano. Ao passo que ele ainda definiu o amigo como sendo aquele que deseja e faz o bem no interesse do outro. É feito também a distinção entre amor, amizade e benevolência. No segundo capítulo é dada a análise dos três tipos de amizade, para Aristóteles, a amizade tem base na utilidade, no prazer e na bondade. Esta última é considerada a amizade perfeita, com base na virtude, e só é possível entre as pessoas boas. No terceiro capítulo aparece a análise sobre justiça, pois esta, segundo Aristóteles, é menos importante que a amizade, pois na sociedade onde existe amizade não há necessidade de justiça. Será feito ainda, uma análise sobre a comunidade como sendo uma configuração à amizade, e esta como configuração à felicidade. Ao passo que é na comunidade que surgem os primeiros sinais da amizade, e, por conseguinte a felicidade. Conclui-se que a amizade perfeita é causa de felicidade para as pessoas que a cultivam, ficará visível também que ela só é possível entre as pessoas boas e de caráter virtuoso.

Palavras-chave: Amizade. Virtude. Felicidade. Justiça. Comunidade.

ABSTRACT

This monograph aims to present Aristotle's conception about friendship, exploring the understanding of the three types of friendship to observe which one best leads to happiness. The study is based on the books VIII and IX of Aristotle's work *Nicomachean Ethics*. From this perspective far It will be a study on friendship, however, to understand its true meaning was necessary a discussion of the virtue which is defined as a habit, then it made an approach about friendship. For Aristotle friendship is a virtue and appears essential to human life. While he still has defined to be the friend that who wants and does good in the interest of the other. It is also made the distinction between love, friendship and benevolence. In the second chapter it is given the analysis of the three kinds of friendship, for Aristotle, friendship is based on usefulness, pleasure and goodness. This latter [goodness] is considered the perfect friendship based on virtue, and it is only possible between good people. In the third chapter appears the analysis of justice, for this, according to Aristotle, it is less important than friendship, because in that society where there is friendship there is no need to justice. It shall be done also an analysis of the community as a setting to friendship, and this configuration as happiness. While it is in the community that there were the first signs of friendship, and therefore happiness. We conclude that the perfect friendship is the cause of happiness for people who cultivate it, it will also be apparent that it is only possible between good people and virtuous character.

Keywords: Friendship. Virtue. Happiness. Justice. Community.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 AMIZADE COMO UMA VIRTUDE	13
2.1 A virtude como exercício de amizade	13
2.2 A concepção de amizade	16
2.3 Distinção entre amor, amizade e benevolência	19
3 SOBRE OS DIFERENTES TIPOS DE AMIZADES	22
3.1 A amizade com base na utilidade	23
3.2 Amizade com base no prazer	26
3.3 Amizade perfeita	29
4 AMIZADE: JUSTIÇA, COMUNIDADE E FELICIDADE	32
4.1 Amizade e justiça	32
4.2 Comunidade: Uma configuração à amizade	35
4.3 Amizade: Uma configuração à felicidade	37
5 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo apresentar a concepção de Aristóteles nos livros VIII e IX da obra *Ética a Nicômaco* acerca da amizade, pretendendo ainda estabelecer uma linha de ligação com o seguinte problema: segundo Aristóteles, existem três tipos de amizade, um deles mais virtuoso que os outros; este proporciona felicidade a quem o cultiva?

Pensar a amizade, em favor da felicidade, é fundamental e possível. Sobretudo quando se tem o desejo de preparar bem o homem, como um todo, levando em consideração todas as fases e dimensões da vida, como também a sua história e sua vivência familiar. A dimensão filosófica, do pensamento de Aristóteles sobre a amizade é evidenciada de forma mais clara na obra *Ética a Nicômaco*, especificamente nos livros VIII e IX. Notemos que a amizade surgiu como problema desde a Antiguidade, no momento em que o cerne da discussão filosófica deixa de ser o cosmo e passa a ser o homem.

Aristóteles é visto como um dos maiores pensadores da filosofia antiga, o seu pensamento influenciou e continua a influenciar várias vertentes filosóficas, especialmente a lógica, a metafísica e a ética. Por isso, compreender em profundidade a sua obra é essencial para esclarecer os temas com os quais ele se ocupou, para detectar as influências que incidiram sobre seu pensamento, bem como avaliar os diferentes tipos de leitura que tiveram essa produção filosófica.

A escolha do tema se justifica pela necessidade de se compreender o valor que a amizade possui na vida do ser humano e também, a possibilidade de se viver uma vida feliz a partir da amizade. Foi nas aulas de filosofia antiga que suscitou em mim o desejo de conhecer e escrever algo sobre Aristóteles. Com o tempo foi possível um contato mais próximo com a ética aristotélica, e de modo particular, com a amizade, ao passo que surgiu o desejo de conhecer as diversas espécies de amizade e se era possível ser feliz possuindo mais de uma ou apenas a virtuosa.

O pensamento de Aristóteles é estudado sob as mais diversas perspectivas, no âmbito da análise lógica da linguagem, da ética e da estética. A *Ética a Nicômaco*, obra publicada em vida, é marcante justamente por se tratar de uma obra pedagógica, foi dedicada a seu filho Nicômaco com o intuito de auxiliar na educação. Por isso, ela tem como plano de fundo, questões de caráter ético. Assim, o objetivo geral ao escrever este trabalho monográfico é: apresentar a concepção de Aristóteles acerca da amizade, explorando a compreensão dos três tipos de amizade para observar qual deles melhor conduz à felicidade.

A monografia desenvolvida com o tema “a amizade” na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, será fundamentada nas etapas da produção científica a partir de pesquisa bibliográfica, considerando os seguintes passos metodológicos: reunião das obras acessíveis que retratam o tema, leitura dos textos, fichamento do conteúdo e referências significativas que poderão ser utilizadas, e, por fim, a redação e revisão do trabalho.

Foram colocados à disposição textos que permitem compreender a figura de Aristóteles e, por conseguinte, o contexto filosófico no qual ele esteve inserido, sua postura diante da atividade filosófica, as questões e as soluções a que o mesmo chegou, de modo particular sobre a amizade. No entanto, essa produção não se deteve acerca de sua biografia, pois se trata de um autor conhecido. Contudo, utilizamos, ainda, artigos e produções acadêmicas que se detêm sobre esse tema, disponíveis em revistas, periódicos e na internet, com o objetivo de enriquecer a reflexão proposta pelo trabalho monográfico.

Ainda sobre o aspecto metodológico, percebe-se que lançar ótica sobre as questões filosóficas que permeiam a *Ética a Nicômaco* faz-se necessário, pois auxilia na compreensão dos princípios norteadores do pensamento do autor. Uma leitura superficial da obra *Ética a Nicômaco* tende a compreendê-la apenas em sua dimensão ética. Uma leitura mais acurada dessa obra permite compreender que os fundamentos da própria ética, que Aristóteles desenvolve sem prévios argumentos que a fundamentem, remetem por sua vez à filosofia, pois ao analisar a natureza da amizade, enuncia que ela é uma excelência moral ou virtude, tornando-se assim uma atividade filosófica.

Nessa análise a partir do pensamento de Aristóteles considera-se que a amizade é uma virtude ou implica virtude, sendo, além disso, sumamente necessária à vida, em seguida faz um estudo dos três tipos de amizade: amizade baseada na utilidade; no prazer e na virtude (perfeita). Consequentemente, faz relação da amizade com a justiça, mostra a importância da comunidade para a amizade e em seguida a relação com a felicidade. O problema da amizade aqui em questão, como já visto, versará em saber se a amizade virtuosa proporciona felicidade a quem a cultiva. Certamente, esse poderá ser o nexo a ser explorado na dimensão ética e das investigações filosóficas, através do conceito de amizade.

Contudo, é visível que o corpo dessa produção monográfica está dividido em três capítulos cada um com três itens. O primeiro capítulo versa sobre a amizade como virtude, pois para Aristóteles a amizade é uma virtude e é de fundamental importância na vida do ser humano. Assim, para se compreender o conceito de amizade faz-se necessário uma análise sobre a virtude. Ao passo que o Estagirita considera existir duas espécies de virtudes, a intelectual e a moral e além dessa informação ele assevera que a virtude é um hábito.

Feito a abordagem sobre a concepção de virtude, fala-se com autoridade a cerca da amizade, ao passo que o Estagirita destaca a necessidade da amizade na vida do homem. De fato, a amizade é necessária tanto para a boa convivência como para o bem estar. Por outro lado a amizade é definida também, como a comunidade de duas ou mais pessoas ligadas por atitudes concordantes e por afetos positivos. No terceiro item foi feita a distinção entre amizade, amor e benevolência. Para Aristóteles, o amor é menos importante que a amizade pois, se trata de um sentimento enquanto a outra é uma virtude. E a benevolência segundo o autor estudado é o querer bem do amigo naquilo que constitui o seu próprio bem e se houver reciprocidade a benevolência torna-se amizade.

O segundo capítulo que também é de fundamental importância nesse estudo, versa sobre as três espécies de amizade, a com base na utilidade, no prazer e a perfeita. Para Aristóteles a amizade com base na utilidade é aquela em que as pessoas se amam com fundamento na utilidade de algum benefício que lhes possa advir do outro. E sobre a amizade prazerosa ele pensa que as pessoas espirituosas ou alegres são apreciadas não pelo seu caráter, mas porque são agradáveis. Ou seja, os amigos são conquistados com vista no prazer. Já no terceiro item disserta sobre a amizade perfeita e ela é conceituada como sendo aquela que existe entre as pessoas boas e, de igual modo, virtuosas. Assim, por serem bons, os amigos que têm como base essa espécie de amizade desejam e fazem o bem em benefício um do outro. Uma característica importante dessa amizade é a reciprocidade.

No terceiro capítulo da relação entre amizade, justiça, comunidade e felicidade. Aristóteles considera a justiça de fundamental importância entre os amigos. No entanto, a amizade é mais importante e ao mesmo tempo superior à justiça, pois na sociedade em que os cidadãos são amigos não há necessidade de justiça. No segundo item foi analisada a relevância e a contribuição da amizade na sociedade ou na comunidade. E o terceiro versa sobre a felicidade, já que o fim último dessa pesquisa é o bem viver ou o alcance da felicidade entre as pessoas. Pois, ao passo que a amizade é de fundamental importância para o ser humano da mesma forma as pessoas são felizes ao possuírem amigos virtuosos.

2 AMIZADE COMO UMA VIRTUDE

Aristóteles em sua análise sobre a amizade nos livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco* conceitua a amizade como uma virtude. Assim, para compreender o conceito de *philia* em Aristóteles é necessário conhecer o conceito de virtude. Sabe-se que a amizade perpassa este conceito, passando pela felicidade, pelo amor, pela justiça, pela política, e pela polis, ou seja, pela sociedade onde a amizade tem a sua culminância, pois, é na relação entre as pessoas que se percebem as primeiras características de amizade.

2.1 A virtude como exercício de amizade

Aristóteles (2014)¹ afirma existir duas espécies de virtudes: as referentes aos aspectos mentais ou a teoria e as referentes aos que agem de acordo com os bons costumes. Ou seja, as duas espécies de virtudes referidas são a Intelectual e a Moral. A virtude intelectual requer um tempo gradual para a experiência, já que se trata de um crescimento do ensino e da virtude moral referente ao hábito. O Estagirita² deixa claro:

Inclusive, que não é a natureza que produz nenhuma das virtudes morais em nós, uma vez que nada que seja natural é passível de ser alterado pelo hábito. Por exemplo, a pedra, cuja natureza é mover-se para baixo, ainda que nos dispuséssemos a tentar habituá-la a fazê-lo lançando-a para cima dez mil vezes; nem pode o fogo ser habituado a mover-se para baixo e tampouco qualquer outra coisa que naturalmente se comporta de uma maneira ser habituada de modo a comportar-se de outra maneira (EN, II, 1103a, 15-20).

“As virtudes nunca são inatas, mas derivam do exercício de ações virtuosas. Agir bem produz virtude, e o agir mal produz o vício” (WARKEN 2005, p. 43). O hábito pode ser considerado a excelência da virtude, pois, Aristóteles pensa o hábito como um costume ou, a forma de agir repetidamente para adestrar determinada coisa ou instinto. Por exemplo, a reciprocidade entre amigos pode ser considerada um hábito, já que faz parte da essência dos amigos serem recíprocos uns para com os outros. Abbagnano (2000, p. 494), por exemplo, diz que o hábito é “a repetição constante de um acontecimento ou de um comportamento, devido a um mecanismo de qualquer gênero [...] esse mecanismo se forma por meio da repetição dos

¹ Neste trabalho correntemente usaremos a obra *Ética a Nicômaco*; usaremos a publicação da Edipro (2014), e quando nos referirmos a ela citaremos apenas “EN”, (para citação direta) o número que indica sua localização, ex: EN, VIII, 1155a, 5. E para citação indireta usaremos apenas a indicação para o livro (EN, VIII) e o indicador para o capítulo ex. EN, VIII, 1155a.

² Estagirita é um sinônimo atribuído a Aristóteles. É chamado dessa forma por ser um cidadão que nasceu em Estagira, uma cidade da Macedônia.

atos ou dos comportamentos”. Na amizade esse mecanismo pode ser considerado o exercício de caráter do bem entre os indivíduos.

Aristóteles afirmou que uma virtude é um traço característico manifestado nas ações habituais. O “habitual” é importante. A virtude da honestidade, por exemplo, não é possuída por aquele que diz a verdade apenas ocasionalmente ou no momento de tirar um proveito próprio. A pessoa honesta é verdadeira em suas ações rotineiras; suas ações “nascem de uma característica firme e imutável” (RACHELS, 2006, p. 177).

É notável que a virtude seja gerada pela práxis de determinada ação, a rotina de fazer o bem e evitar o mal constantemente, por exemplo, torna-se uma virtude. Segundo Lauro Brugnera (1998) a virtude é adquirida mediante a repetição de atos, através do hábito de praticar boas ações e não por meio da natureza. Contudo, a natureza fornece alguma disposição para que o homem a coloque em prática, no entanto, são poucos que conseguem colocar em prática, ou seja, tornar hábito essa disposição, pois para que isso ocorra é necessário que as pessoas sujeitem-se a análise da razão.

Além de afirmar que existem duas espécies de virtudes: a virtude intelectual e a virtude moral, o Estagirita assegura que existem três espécies de coisas na alma e uma delas é a virtude. Tais espécies são as paixões, as faculdades e as disposições (cf. EN, II, 1105 b). Cada uma destas tem sua importância para a virtude, no entanto apenas a disposição é a virtude por excelência. Barbosa Júnior (2012, p. 32) auxilia no conceito de virtude afirmando que:

As afeições (paixões) estão relacionadas ao sentimento de prazer ou sofrimento (desejo de ira, medo, angústia, e de alegria). As capacidades (faculdades) dizem respeito à possibilidade de ser ou não ato. E a disposição está ligada às ações ou comportamentos relativos às ações.

O homem é considerado bom ou mau por causa das virtudes ou dos vícios e não por causa das paixões. Percebe-se ainda que o homem não é aplaudido, honrado ou censurado por causa de suas paixões, mas sim por causa de sua dignidade ou perversão. Por isso, as paixões não podem ser consideradas uma virtude. Seguindo essa mesma linha de raciocínio é notável também na faculdade, que não se pode atribuir ao homem o sentimento de bem ou mal pela simples faculdade de sentir as paixões. Portanto, o autor de *Ética a Nicômaco* pensa a virtude como sendo uma disposição (cf. EN, II, 1105b-06b).

Observando a disposição percebe-se que ela é a posição dos homens diante das paixões para perceber se elas são boas ou más. O que torna o homem bom e que o faz

desempenhar bem a sua função é sua disposição, ou seja, a virtude. De fato, o Estagirita conceitua a virtude do homem como sendo:

Um estado que leva à prévia escolha e que consiste na mediania relativa a nós, sendo isso determinado pela razão, isto é, como a pessoa dotada de prudência o determinaria. E é uma mediania entre dois vícios, um em função do excesso e outro em função da deficiência. Acresça-se que é uma mediania em que, enquanto os vícios carecem ou se excedem no que é certo tanto nas paixões quanto nas ações, a virtude encontra por prévia escolha a mediania. Consequentemente, enquanto do prisma de sua substância e da definição que exprime o que é sua essência, a virtude é uma mediania, daquele da excelência e do bem, é um extremo (EN, II, 1107a, 35-5).

A virtude tem a função de elevar o homem à felicidade a partir de seu princípio racional. Pois o que se espera de um homem virtuoso que coloca a sua racionalidade em prática é que ele seja amigo da felicidade. Para tanto, o homem não deve tender nem ao excesso nem à falta, permanecendo assim no meio-termo. Eis o exemplo que apresenta a ideia:

É possível que alguém que esteja receoso ou confiante, sinta desejo, ira ou compaixão e experimente prazer e dor em geral, seja em excesso ou deficientemente e em ambos os casos, indevidamente, ao passo que experimentá-los oportunamente, em relação às coisas certas, para o propósito certo e da maneira certa, corresponde à justa medida (mediania), a qual é a marca da virtude (EN, II, 1106b, 15-20).

O Estagirita pensa o meio-termo como o ponto equidistante entre ambas as partes, ou seja, entre o excesso e a falta. “Por exemplo, suponhamos que dez seja muito e dois pouco; nesse caso a mediania relativamente à coisa será seis, uma vez que seis menos dois é igual a dez menos seis, sendo esta a mediania determinada pela proporção aritmética” (EN, II, 1106a, 30-35). De fato, nem o excesso nem o tampouco (este termo aristotélico é usado para reforçar uma ligação de uma forma reduzida) é considerado razoavelmente bom para a sobrevivência, mas sim o equilíbrio.

Em relação à amizade acontece o mesmo que sucede a respeito da virtude, ou seja, o hábito e o meio-termo, por exemplo, fazem parte da atividade da amizade, visto que o primeiro pode ser o cultivar e o segundo a prudência, pois a amizade não surge sem uma presença ativa nem tampouco ela será uma amizade virtuosa se possuir sinais de imprudência. Assim, algumas pessoas são chamadas boas com referência à disposição de caráter, e outras com referência a uma determinada ação ou atividade. Os homens quando vivem juntos aproveitam bem a convivência e se beneficiam reciprocamente, no entanto, quando estão distantes ou separados não exercem as atividades características da amizade. Na verdade a

característica por excelência entre os amigos é o desejo de viverem ou de estarem juntos (MORAES NETO, 1999, p. 33).

2.2 A concepção de amizade

Dentre os filósofos que abordaram e conceituou o tema a amizade, Aristóteles (cf. EN, VIII, 1155a) refere-se a eles afirmando que alguns a conceituam como uma certa similaridade, dessa forma os amigos amam aqueles que são semelhante a eles mesmos, assim irmãos univitelinos seriam amigos, pois trata-se de uma semelhança de um para com o outro. O Estagirita diz ainda que: “outros procuram descobrir uma explicação superior e científica. Eurípedes³ diz que a terra quando seca, ama a chuva e o céu majestoso quando carregado de nuvens ama precipitar a chuva sobre a terra” (EN, VIII, 1155b, 30). Percebe-se que a amizade passa a existir quando há relação de reciprocidade e afinidade entre as pessoas. Para Heráclito o oposto, ou o antagonismo é que gera a amizade, contrariando Empédocles⁴ e outros filósofos os quais sustentam que os iguais ou os semelhantes se atraem (cf. EN, VIII, 1155b).

A amizade pode ser considerada um tema bastante amplo dependendo de que ponto de vista se investiga esta temática. Poderíamos estudá-la tendo como base o senso comum, ou os fatos físicos. No entanto, o presente estudo não tem por base os fatos físicos, mas em procurar saber se existe mais de uma espécie de amizade e se esta proporciona ou é causa de felicidade a quem o cultiva. Percebe-se a partir do estudo que “Aristóteles limita o tema da amizade separando o tratamento da amizade das considerações sobre a natureza, apresentando-a como uma dimensão fundamental da vida humana prática e acontecendo somente na polis” (WARKEN, 2009, p. 64). Trata-se do relacionamento realizado na Polis entre os indivíduos e que tem como fim último a felicidade.

Ortega (2002, p. 43)⁵ diz que: “o conceito e o sentido da amizade são determinados pela perspectiva da polis. É a partir do ideal de uma vida comunal perfeita numa polis

³ Sobre o conceito de amizade, Aristóteles apresenta rapidamente alguns contemporâneos ou antecessores a ele, como por exemplo, Eurípedes, que nasceu por volta de 480 a.C., em Salamina e é considerado um dramaturgo.

⁴ Aristóteles cita também Heráclito e Empédocles. A respeito do primeiro é importante observar que ele defende o mobilismo, ou seja, para o mobilista tudo está em constante movimento, assim ele considera que o oposto é causa da amizade. E sobre Empédocles é importante observar que para ele a natureza é formada por quatro substâncias: terra, água, ar e fogo. Assim tudo é constituído como uma relação entre esses quatro elementos. Por isso os semelhantes se atraem.

⁵ Genealogia da amizade, de Francisco Ortega, é o terceiro de uma série de três livros dedicados ao tema da amizade. Para o autor a Genealogia da amizade não é uma mera pesquisa erudita sobre as raízes histórico-filosóficas do termo. Ortega ao redescrever a amizade, re-ilumina seu sentido trivial de complexo emocional ou relacionamento pessoal, e se lança em uma empreitada mais ampla.

autárquica que a amizade é concebida”. Assim, o aprofundamento das ideias de Aristóteles, na obra *Ética a Nicômaco*, sobre a amizade leva a compreender que esta é verdadeiramente uma virtude. Como bem destaca ele que a amizade “é uma virtude ou envolve a virtude, além do que constitui uma das exigências mais imprescindíveis da vida” (EN, VIII, 1155a, 5). O Estagirita destaca a necessidade da amizade na vida do homem. De fato, a amizade é necessária tanto para a boa convivência como para o bem estar. Assim “a amizade, como prática virtuosa, traz em si, a noção do bem, do prazer e da utilidade assim como o conhecimento” (LARA, 2009, p. 43). Percebe-se que a amizade é a prática do bem racional, por que ela contribui para o despertar das virtudes na vida do ser humano.

A amizade para os que possuem o poder é uma relação lógica, pois, de que adiantaria ter muita riqueza se não há com quem desfrutá-la. Assim, Aristóteles pensa que: “homens abastados, governantes e potentados, muito mais que os outros, necessitam amigos, uma vez que de que lhes valeria sua prosperidade se não pudesse ensinar a beneficência” (EN, VIII, 1155a, 5). De fato, o homem rico não se realizará apenas pelos seus bens, mas por compartilhá-los. Para tal partilha faz-se necessário outro homem com a mesma virtude, a fim de que possam dividir, além dos bens materiais, os seus sentimentos.

Abbagnano (2000, p. 37) apresenta o conceito de amizade como sendo “a comunidade de duas ou mais pessoas ligadas por atitudes concordantes e por afetos positivos”. De fato, o sentimento de amizade só é possível quando os homens estão em comunhão ou no meio social. Reportamo-nos ao pensamento de Aristóteles por meio do comentário de Lara (2009, p. 42) a qual afirma que: “Aristóteles tem, entretanto, visão mais ampla e extensa, e define a amizade como virtude e hábito, não como condicionamento, mas como disposição de caráter, disposição ativa de empenho da pessoa ao bem”. É perceptível na virtude aristotélica apresentada por Lara a inclinação do nosso filósofo para o bem. Percebe-se que a amizade não é apenas um condicionamento, mas uma amplitude de caráter da pessoa no desejo de fazer o bem, proporcionando-lhe a felicidade por excelência.

O autor de *Ética a Nicômaco* mostra que é fundamental ter amigos, pois a cada faixa etária eles ajudam a pessoa a ter inclinação para a virtude, aos jovens, por exemplo, ajuda a evitar o erro; aos mais velhos, ela é favorável para suprir as suas atividades quando essas a declinam; e aos que estão na adolescência ou no vigor da idade ela estimula a prática de nobres ações, pois a comunhão amigável favorece tanto a capacidade de agir como a de pensar (cf. EN, VIII, 1155a).

De fato, a amizade é um afeto de um em relação ao outro na medida em que esta é virtuosa. Barnes (2009) pensa que a grande contribuição da amizade na vida das pessoas é

tornar a vida digna de ser vivida, por isso ninguém escolheria viver sem amigos. Assim, explica-se o autêntico desejo dos amigos de estarem juntos, pois um complementa a vida do outro na medida em que a amizade se torna verdadeira. Se é possível ter muitos amigos, o Estagirita afirma que:

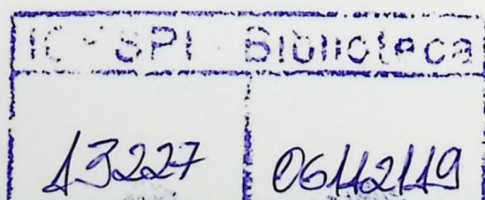
Ser amigo de muitos de acordo com essa amizade plena não é possível da mesma forma que não é possível estar apaixonado por muitos indivíduos simultaneamente (o amor sexual, com efeito, parece ser um estado passional excessivo, sua natureza determinando que seja experimentado por uma única pessoa). É difícil, ademais, para muitos indivíduos agradarem simultânea e intensamente a mesma pessoa, e inclusive serem bons para essa pessoa. Além disso, é necessário acumular experiência e intimidade no trato da pessoa, o que se revela uma tarefa muito difícil (EN, VIII, 1158a, 10-15).

A amizade perfeita requer cuidado e reciprocidade, por isso, o excesso de amigos tornaria seu cultivo exaustivo. Para cultivar a amizade faz-se necessário a prática do meio-termo, ou seja, não ter amigos em excesso nem tampouco, pois, “é impossível ter o melhor gênero de amizade com mais de uns poucos homens, em parte porque não se pode ter esses sentimentos para com muitos homens, e em parte porque amigos precisam ser testados pela experiência” (BARNES, 2009, p. 295). O autor de *Ética a Nicômaco* afirma que:

Uma quantidade de amigos que exceda o que basta à nossa própria vida produz um supérfluo que constitui um estorvo a uma vida nobre. Mas talvez a quantidade conveniente não corresponda a um número em particular, mas a qualquer número entre certos pontos determinados. Assim, no tocante a amigos, haverá também um número determinado e, talvez, o maior número com o qual somos capazes de conviver. De fato, observamos que conviver é impossível conviver e partilhar a própria vida com muitas pessoas (EN, IX, 1170 b, 25-30).

Portanto, deve-se cultivar apenas a quantidade de amigos o suficiente para agir reciprocamente para com eles. Pois, o gostar ou desejar estar juntos faz parte da vida dos que afirmam serem amigos virtuosos, isso acontece pelo fato de um identificar-se com o outro. Assim o número em excesso de amigos retiraria a nobre ação da essência da amizade: a necessidade de estar juntos.

Aristóteles (EN, IX, 1171a) pensa que não é de bom grado ter muitos amigos porque a relação de intimidade entre eles se tornaria difícil e por outro lado o amigo teria de alegrar-se com um e contristar-se com outro. Contudo os que consideram ter muitos amigos e mantêm intimidade com eles, pensam ter bons amigos, no entanto podem-se considerar esses indivíduos como amigos de ninguém, exceto no sentido da amizade entre concidadãos, ou seja, amizade entre os conterrâneos. Esse tipo de amizade entre os concidadãos pode ser



considerada como obsequiosa, mas não virtuosa. A cerca disso, Cruz Lopes (2012, p. 3) assevera que:

Se é da natureza do homem ser destinado a viver em comunidade, com os outros, não é possível imaginá-lo vivendo sem amigos, pois nas horas difíceis ele encontra nesses amigos um apoio, uma referência para sua dor, e, quando se sente feliz, necessariamente precisa deles para partilhar sua alegria e felicidade. Deste modo, para “viver bem” e alcançar o ideal ético de uma vida “bela e boa”, o homem não pode deixar de lado a amizade, pois mesmo os que se consideram felizes e possuem bens, necessitam de amigos para ajudar, orientar, o que, sozinhos, não poderiam realizar por si mesmos sem o apoio do outro.

De acordo com Aristóteles não é possível ter muitos amigos no sentido de ser uma amizade virtuosa, no entanto é impossível viver sem amigos, pois, é da natureza do homem ser social. E, como um ser na sociedade, o homem é por excelência um comunicador, ou seja, um filósofo, por isso não é possível imaginá-lo vivendo sem amigos.

2.3 A amizade como benevolência

para fazer um bom estudo a respeito da concepção de amizade é necessário a priori uma reflexão sobre a virtude, também é preciso, antes de conhecer as espécies de amizade, fazer um esclarecimento sobre o objeto do amor, fazendo assim a distinção entre amor, amizade e benevolência. Após o esclarecimento sobre o amor é possível discorrer com clareza sobre as três espécies de amizade, pois se sabe que nem todas as coisas merecem ser amadas, mas apenas aquelas que têm por base a utilidade, o prazer e a bondade (cf. EN, VIII, 1155b).

É de fundamental importância a distinção entre amor e amizade, pois ambas possuem uma relação de proximidade ou de semelhança, no entanto há uma distinção entre elas. Trata-se de uma diferença de qualidade e não de quantidade. Dentre os diversos teóricos que trataram sobre o amor, muitos o consideram como a maior e mais importante virtude; no entanto, segundo Aristóteles, a amizade é mais forte e completa, pois se trata de um hábito, já o amor é análogo a uma afeição, a uma emoção. Assim considera-se que nem tudo que é bom para os sentidos do homem o será também para sua natureza. Pois, é possível amar mesmo que não haja reciprocidade, como por exemplo, amar seres inanimados. De fato, é possível atribuir amor a um urso de pelúcia, no entanto não há correlação entre o amante e o amado. Pode-se, por exemplo, amar pessoas falsas, enganadoras, sem que haja uma reciprocidade da segunda pessoa (cf. LARA, 2009 p. 46).

Lara (2009) retoma a questão, e comentando Aristóteles, pensa que a amizade verdadeira é uma bondade por excelência e, por isso, só é possível existir entre os bons. Partindo da prática moral, observa-se que o ponto culminante da amizade é amar mais que ser amado, pois a relação de amizade natural antes de ser uma relação de sentimentos recíprocos é um traço de caráter. Assim, a amizade se revela por meio do diálogo no meio social, na convivência. É visível também que quando uma das partes deixa de ser boa a amizade entra em decadência, ou seja, o que firma a amizade é a bondade e a reciprocidade. De fato, o autor de *Ética a Nicômaco* distingue o amor da amizade da seguinte forma:

A afeição parece ser uma emoção, ao passo que a amizade é uma disposição (estado); assim se entende porque a afeição pode ser experimentada inclusive por coisas inanimadas, enquanto a reciprocidade do amor envolve prévia escolha e esta nasce de uma disposição. Ademais, quando as pessoas desejam o bem de quem amam no interesse de quem amam, seu amor não está subordinado a uma emoção ou paixão, mas a uma disposição. E ao amar o amigo amam seu próprio bem, pois o indivíduo bom ao se tornar amigo de outro converte-se no bem desse outro. Cada um, portanto, tanto ama seu próprio bem quanto realiza um retorno equivalente em benevolência em prol do outro, e por lhe propiciar prazer; com efeito, se diz que amizade é igualdade, o que, sobretudo, se constata nas amizades dos bons (EN, VIII, 1157b, 25-30).

Percebe-se em Aristóteles que o amor é também uma afeição, e esta deve estar relacionada com a amizade, pois, tanto o amor quanto à amizade constituem uma relação onde deve haver reciprocidade. No entanto, no caso do amor, é impossível amar os objetos inanimados com o objetivo de ter deles a reciprocidade, nesse caso o que pode ocorrer é uma atribuição de desejo ao objeto inanimado no sentido de que se possa adquirir o bem derivado dele.

Seguindo a reflexão, Aristóteles exemplifica dizendo que: “seria, com efeito, ridículo querer o bem do vinho: o máximo que se deseja quanto a ele é que possa ser bem conservado para dele nos servirmos” (EN, VIII, 1155b, 30). Contudo, no que diz respeito à amizade não é possível essa relação de afeto sem reciprocidade, pois faz parte da essência dos amigos essa correlação. Além do mais a bondade entre amigos é de fundamental importância pois é por meio dela que se pode atribuir bondade para os amigos.

Uma outra discursão pertinente e favorável em Aristóteles para a compreensão do objeto da amizade, é saber se o homem ama o outro pelo que ele é, ou seja pela sua bondade em si, ou pelo que ele oferece de bom. Moraes Neto (1999, p. 25) em um primeiro momento pensa que o homem atribui amor ao que é bom para ele.

É notório que o amigo ama o outro não somente pela bondade que o outro apresenta ao amigo por meio de suas características, mais principalmente pela sua virtude, pelo que é

considerado essencial em si, ou seja, a sua bondade. Por exemplo, imaginam-se dois amigos, Francisco e Teresa, sabe-se que ambos são amigos e que Francisco ama Tereza não apenas pelo seu sorriso ou pelo seu modo de falar, por exemplo, mas, sobretudo por aquilo que o autor de *Ética a Nicômaco* chama de “caráter”. Nesse caso, para acontecer uma amizade verdadeira faz-se necessário a correlação entre ambos os amigos, não ocorrendo essa possibilidade o que existe é apenas benevolência. Aristóteles (VIII, 1155b-56a, 30) afirma que:

Aqueles que assim querem o bem, se o sentimento não for recíproco, se diz apenas que são benevolentes. Essa benevolência só é chamada de amizade quando é mútua. E, talvez, também devêssemos acrescentar que a benevolência precisa ser reconhecida, pois muitos indivíduos são benevolentes com pessoas que jamais viram, mas que acreditam serem boas ou uteis; ora, uma dessas pessoas pode experimentar igualmente o mesmo sentimento por um desses indivíduos. Parece tratar-se de mútua benevolência, porém como classificar essas duas pessoas de amigas se desconhecem suas predisposições mútuas? [A amizade], portanto, requer que essas pessoas sejam mutuamente benevolentes, ou seja, queiram o bem uma da outra.

De fato “a benevolência é o querer bem ao outro, pois a boa vontade pode haver até por uma pessoa que nunca vimos” (LARA, 2009, p. 47). Portanto, a benevolência é bondade. Destarte, as pessoas que manifestam “ser benevolentes entre si, uma vez que é possível que se queiram bem e se amparem na necessidade; contudo, não se pode qualificá-los propriamente de amigos, pois não convivem e nem desfrutam desse convívio [...]” (EN, VIII, 1158 a, 5). Assim, a benevolência pode ser considerada uma forma inicial de amizade, pois por meio dela é possível que as pessoas sintam os primeiros sinais de amizade, contudo ainda não são amigos, pois para existir amizade requer tempo e intimidade.

Aristóteles (EN, VIII, 1155 b) recorda que a benevolência pode existir até entre os homens que nunca vimos, afirmando assim, a distinção para com a amizade, já que esta é uma relação de reciprocidade. Para ele, quando se deseja ou faz o bem no interesse do outro e este bem não é recíproco, atribui-se apenas benevolência, e não amizade. Portanto, quando há reciprocidade, a benevolência se transforma em amizade.

3 SOBRE OS DIFERENTES TIPOS DE AMIZADES

Depois de ter feito uma análise sobre o amor, observa-se que além de ser um sentimento o amor é também uma afeição e está ligado de modo intrínseco à amizade. Por isso que antes de fazer uma abordagem sobre as três espécies de amizade Aristóteles faz um estudo sobre o amor. Segundo nosso autor, a classificação da amizade se dá por espécies ou por tipos e essas são distintas, contudo, também apresenta como base fundamental para seu estudo três espécies de amizades análogas às qualidades amáveis. (EN, VIII, 1156a)

É em função da felicidade que Aristóteles apresenta os três tipos de amizade, assim como foi também em vista da felicidade que o filósofo estudado escreveu a obra *Ética a Nicômaco*. No primeiro momento pensa-se que foi uma escrita dedicada a seu filho Nicômaco, contudo é visível que foi também para uma sociedade onde os indivíduos pudessem ser felizes a partir do contato com as virtudes práticas, dentre elas a amizade, que Aristóteles a considera como virtude. Próposito

Assim é perceptível na concepção de amizade em Aristóteles (EN, VIII, 1156a) que existem três espécies de amizades, e observa-se que entre elas há uma hierarquia, por isso, tratar-se-á a respeito delas neste capítulo em ordem crescente, de forma que as três espécies de amizade são as com base na utilidade, no prazer e na bondade. Assim, a respeito do debate em questão Lopes (2012, p. 6) confirma que:

Para definir a amizade, Aristóteles aborda a natureza do objeto onde se esconde o motivo da sua escolha, pois só um objeto amável pode ser amado, ou ser objeto de amizade. Com isto pergunta-se, o que torna um objeto amável? Para tal indagação remete-se a três dimensões da amizade. Nessa perspectiva, compreende-se que amar verdadeiramente é amar a outra pessoa com amor de amizade que, com a sua bondade, torna a outra mais virtuosa. Então, em virtude do “objeto”, isto é, daquilo em que a amizade se especifica, Aristóteles distingue três tipos diferentes de amizade em que, intrinsecamente, estão contidos os valores que se buscam nelas motivada pela “virtude”, outra pelo “útil” e a outra impulsionada pelo “agradável”.

Em *Ética a Nicômaco* pensa-se a amizade como algo para além do amor, ou seja, ela é mais importante que o amor (sentimento) por se tratar de uma disposição de caráter. E o que se entende por “amor de amizade” em Aristóteles é que entre as pessoas de bem existe uma relação mútua e é através da reciprocidade que se percebe os primeiros bons sinais desta virtude. Compreende-se também a partir do pensamento do Estagirita que a amizade perfeita só é possível entre as pessoas boas e por possuírem em si esta qualidade é que elas desejam e fazem o bem um para com o outro. É com o objetivo de aprofundar mais sobre os três tipos de amizade que far-se-á a partir de agora uma análise sobre cada um deles.

3.1 A amizade com base na utilidade

O Estagirita revela que “os que se amam com fundamento na utilidade não amam por si mesmos, mas por conta de algum benefício que lhes possa advir um do outro” (EN. VIII, 1156a, 10). E afirma que “a utilidade pode ser compreendida como um meio para obter o bem, visto que é possível observar que as relações humanas são baseadas nos interesses comuns da sociedade” (VALE, 2014, p. 26). De fato, o amigo que tem por base a utilidade, não está preocupado com o que o outro é na sua essência, mas com o bem que ele pode lhe proporcionar, pode se citar como exemplo o indivíduo que diz ser amigo do outro por ele ser inteligente, ou ainda, a pessoa que se diz amiga de seu superior tendo em vista a um objetivo almejado.

Warken (2005, p. 71) afirma que “a amizade baseada na utilidade é aquela em que obtemos algum proveito ou benefício, e não pelo amigo mesmo, mas sim à medida que os amigos se utilizam, se beneficiam de algo uns dos outros”. E Jonathan Barnes (2009, p. 294), a respeito desta espécie de amizade diz, que “quando surgem recriminações, ela tende a ser insolúvel porque não se pode decidir se o serviço deve ser avaliado pelo que custa a quem o cede ou pelo seu valor para quem o recebe”. Observa-se que a esta espécie de amizade é fundamentada na utilidade e, por isso, o fim que se almeja com ela é o bem para si e não em função do outro.

Compreende-se a partir de *Ética a Nicômaco* que o amor atribuído nesse tipo de amizade tem em vista não o próximo, mas a si próprio, pois o outro representa um indivíduo ou um objeto de satisfação para quem o ama, e é visível que no amor mesmo que não haja uma reciprocidade é necessário haver um ato de bondade, pois é característica do amor ser bom. Nesse caso o desejo do bem não é para a pessoa que deveria receber o ato de bondade, pois quem deseja o bem almejando a utilidade tem em vista o benefício de si próprio, ou seja, de satisfazer o próprio interesse. O autor estudado pensa que os amigos com base nessa espécie é de certo modo manipulador, assim:

A amizade baseada na utilidade oferece inúmeros ensejos para queixas, pois nesse caso os amigos se manipulam visando ao interesse pessoal e, assim, cada um sempre deseja mais vantagem e pensa estar obtendo menos do que aquilo que lhe é devido, e acusa o outro por não obter tudo o que deseja e [pensa] merecer. O resultado é o benfeitor nunca conseguir satisfazer totalmente o desejo daquele que se acha na posição de beneficiado (EN, VIII, 1162b, 15-20)

Assim, pode-se considerar a amizade utilitária como acidental já que o objetivo de quem a possui é conferir do outro o que ele pode lhe proporcionar para que seja útil em sua vida. De fato, essa amizade é eventual porque os amigos não amam um ao outro por eles serem o que são em seu caráter, mas pelo bem que podem favorecer entre si. Esse tipo de amizade é também considerado acidental por ser passageira, ou seja, a sua duração é apenas enquanto há sinais de benefícios entre as pessoas. Portanto, essa relação entre amigos é desfeita se acaso uma das partes deixar de ser o que era. Dessa maneira é confirmado que não se trata de uma amizade virtuosa. (BALDINI, 2000, p. 62).

Conforme esse pensamento, vejamos o exemplo a seguir, supõe-se que Aristóteles fosse amigo de Agostinho de Hipona em sua juventude, enquanto este não era ainda um jovem de caráter virtuoso formado. Contudo, quando Agostinho torna-se um homem virtuoso a amizade é desfeita, isso ocorre não pelo fato da virtude em si, mas pela mudança que ocorreu em uma das partes. Assim Moraes Neto (1999, p. 27) afirma que essa:

Amizade se desfaz facilmente se as pessoas não permanecem como eram no início, pois se uma delas já não é agradável ou útil, a outra cessa de amá-la. A utilidade não é uma qualidade duradoura, ela está sempre mudando. Portanto, desaparecido o motivo da amizade, ela se acaba. Ela existe como um meio para chegar a um fim.

Eis explicitamente o motivo pelo qual a amizade desse tipo se desfaz rapidamente. Na utilidade a durabilidade é reduzida justamente por ser vulnerável ao mal-estar, proporcionado por uma das partes como, por exemplo, a queixa, a cobrança e a calúnia. E o que caracteriza a amizade é exatamente o contrário. Nesta relação de amigos não há queixas nem calúnias depois que eles têm em vista o bem não de si, mas do outro. Recorrendo ao exemplo acima, se Aristóteles desejasse o bem de Agostinho quando este se tornasse virtuoso a amizade entre ambos seria por excelência perfeita. A este respeito Vale (2014, p. 28) afirma que:

É muito comum haver reclamações na amizade por interesse, seja ela por causa daquilo que é agradável ou do que é útil, costuma-se ocorrer insatisfação de uma das partes. Isso porque essa amizade não está sustentada na afeição mútua onde aquilo que se visa é o bem do outro. As amizades feitas por utilidade não são estruturadas visando um fim em si mesmo, mas, como um meio para se tirar proveito e adquirir benefícios. Muitas pessoas que fundamentam suas relações de amizade na utilidade fazem isso porque esperam de forma mútua, alcançar algum bem adjacente. Tais amizades buscam meios de alcançar vantagens e é por isso que são consideradas acidentais, uma vez que se estruturam apenas naquilo que está extrínseco à vida, podendo, assim, desfazer-se com facilidade.

Considera-se que entre as pessoas de bem não existe amizade desse tipo, pois os bons que agem reciprocamente amam o seu próximo não pelo que ele pode lhe oferecer, mas pelo

caráter que a pessoa possui em sua essência. Conforme Aristóteles (EN, VIII, 1156a), a espécie de amizade em análise é mais comum na adolescência e na velhice já que nessas idades as pessoas procuram satisfazer suas vantagens, seus desejos pessoais. Assim, a amizade entre os adolescentes e entre os idosos são vulneráveis, são passageiras, a não ser que ambos encontrem um no outro a satisfação para os seus desejos. Se o motivo da utilidade durar por um longo período a amizade também permanecerá, já que o objetivo desta é satisfazer uma vontade.

Ainda sobre essa espécie de amizade Vale (2014, p. 27) faz uma análise sobre a realidade social e conclui que a maior parte dos indivíduos da atualidade não se preocupa em fazer ou em cultivar amizades virtuosas, assim percebe-se que a *philia* que tem por base o interesse não está distante desta realidade, pois é comum encontrar pessoas que se dizem amigas apenas com o interesse no bem que o amigo pode lhes proporcionar. Afirma ainda que existem pessoas que se mostram amigáveis e bondosas, porém, não são verdadeiras ou sinceras, o objetivo delas é apenas satisfazer o outro para receber o benefício desejado. Essa espécie de amizade é também visível, sobretudo, entre as pessoas de classe social diferente e entre os opostos, como bem apresenta o Estagirita:

A amizade cujo fundamento é a utilidade é a que parece, acima de todas as demais, nascer dos opostos. É o caso daquela entre pobre e rico, ou entre ignorante e instruído. De fato, uma pessoa que almeja alguma coisa de que precisa estará disposta a dar uma outra coisa em troca. Pode-se inserir nessa classe a amizade entre um amante e o amado, ou uma pessoa bela e uma pessoa feia. Eis a razão porque os amantes por vezes parecem ridículos ao afirmarem em tom reivindicatório que seu amor deveria ser igualmente correspondido – provavelmente essa seria uma exigência razoável se eles fossem igualmente amáveis, mas quando nada apresentam nesse sentido, é realmente ridículo (EN, VIII, 1159b, 10 -15).

Percebe-se a partir do pensamento de Aristóteles que o oposto é também o fundamento para a amizade utilitária, pois nesse tipo de relação às pessoas procuram satisfazer os outros, e serem satisfeitas, para isso é mais viável uma relação onde há um superior e um inferior, ou seja, onde um passa a ser o servidor e o outro o beneficiado. No entanto, essa relação não é por excelência considerada amizade, pois é a maior forma de utilidade existente entre os cidadãos.

Com efeito, exemplifica-se que a relação entre senhor e escravo, superior e inferior, ambos podem até serem amigos, no entanto a duração dessa espécie de *philia* é somente enquanto um serve e o outro é servido. “Essa dimensão de amizade utilitária remete-se a uma

relação de troca entre o menor e o maior como apaziguamento confortável de encontrar no outro o que lhe falta. É por isso que nesse tipo de amizade nascem as queixas e as cobranças” (LOPES, 2012, p. 9).

3.2 Amizade com base no prazer

Entre os tipos de *philia* dois são considerados inferiores, aqueles com base na utilidade - o qual foi analisado anteriormente e que se concluiu: essa espécie de amigo não visa o bem do outro, mas o benefício que o outro pode proporcionar. O segundo tem base no prazer, e o analisaremos a partir de agora. Dessas duas espécies, a amizade prazerosa é a que mais se assemelha à amizade perfeita; essa por excelência é superior às demais. Os amigos que se relacionam com base no prazer apreciam as mesmas coisas das quais se possam beneficiar. Por isso, os jovens são bons exemplos a serem citados já que entre eles há uma maior relação de generosidade (EN, VIII, 1158a). Seguindo esse raciocínio Vale (2014, p. 30) afirma:

Nesta passagem, Aristóteles coloca a amizade prazerosa mais próxima da amizade por virtude, ressaltando o fato de os amigos sentirem-se satisfeitos com as mesmas coisas e em razão disso, passam a manter uma convivência mais assídua. Para os jovens, essa amizade se dá pelo fato de ser agradável e prazerosa. Aqui o Estagirita coloca a amizade utilitária como última instância, em um grau inferior às outras, pois ele a considera como algo que acontece mais em uma relação mercantil, identificando-a com aqueles homens poucos virtuosos.

Percebe-se que a amizade que tem por base o prazer é uma mediana, no sentido de que está entre a utilitária e a perfeita, ou seja, a relação com base no prazer está mais próxima da virtude, embora não seja virtuosa. Contudo, pode-se considerar ambas as espécies inferiores como sendo amizade, pois, elas estão intrinsecamente ligadas à amizade perfeita.

O nosso autor em sua obra *Ética a Nicômaco* conceitua a amizade prazerosa afirmando que “pessoas espirituosas são apreciadas não pelo seu caráter, mas porque são agradáveis” (EN, VIII, 1156a, 10). Com essa afirmativa, fica claro que os amigos que são conquistados tendo em vista o prazer não o são pela aparência nem pela honestidade, mas por serem atraentes, e são exatamente as pessoas agradáveis que se dispõem a serem amigas por causa do prazer.

Baldini (2000, p. 62) afirma que as pessoas alegres são amadas não porque elas possuem essas ou outras qualidades, mas porque são agradáveis. O fato de ser agradável torna a pessoa mais próxima e ao mesmo tempo simpática. Assim, o amigo desse tipo, como pela utilidade, não ama o outro por ser o que ele é, mas pelo prazer que uma das partes pode

proporcionar. Por isso, é também considerada uma amizade accidental, pois se ambos os amigos não permanecerem com o mesmo objetivo, ou seja, se eles não deleitarem do prazer, também não é possível que ocorra amizade, pois o prazer é o principal objetivo da amizade entre as pessoas. Portanto, se uma das partes deixar de ser o que era a amizade perde o seu fundamento, e em consequência disso é desfeita, (essa espécie de amizade existe mais entre os adolescentes e principalmente entre os jovens) Moraes Neto (1999, p. 28) acrescenta:

Tais pessoas não convivem muito tempo com as outras, pois muitas vezes elas não se acham sequer agradáveis entre si, e, portanto, não necessitam de estarem juntas, a não ser que uma delas seja mutuamente rentável, pois as duas partes são agradáveis uma à outra somente enquanto elas alimentam reciprocamente esperanças de que alguma coisa boa lhes possa render.

Fica ainda mais visível que os amigos que tem como fundamento o prazer, permanecem unidos somente enquanto ambas as partes alimentam o mesmo desejo. Percebe-se que aqui também há reciprocidade. No entanto, essa correlação não visa o bem um do outro ou entre os amigos, mas o bem próprio, ou seja, a reciprocidade fica vista como um meio de se chegar a um fim. Ela pode ser utilizada, por exemplo, para se alcançar determinado objetivo, se os indivíduos tiverem o mesmo propósito.

Conforme Moraes Neto (1999) essa espécie de amizade é mais característica entre os jovens porque eles consideram mais importante aquilo que é contingente, agradável e vivem do presente. Assim, pensa-se que eles vivem das emoções e as emoções nem sempre são duradouras. À medida que a idade aumenta o prazer também muda, e ao passo que muda o prazer, a amizade também deixa de existir, já que o fundamento dessa espécie é o prazer. Aristóteles (EN, VIII, 1156a-56b, 30) é incisivo em sua obra *Ética a Nicômaco* ao afirmar que:

Com relação aos jovens, o fundamento de sua amizade parece ser o prazer, pois são as emoções que dirigem suas vidas e, sobretudo, eles buscam o que é prazeroso para si mesmos e o imediato. Mas à medida que vão se tornando menos jovens seus prazeres mudam, de modo que, com a mesma rapidez que formam amizades, eles as dissolvem – isso porque suas afeições se alteram em função do que lhes proporciona prazer, e os prazeres juvenis são fugazes. E os jovens são eróticos; com efeito, o amor sexual se conforma largamente com a paixão e o prazer. Consequentemente, constroem vínculos com rapidez e também os desfazem com rapidez, mudando-os com frequência entre o nascer e o pôr do sol do mesmo dia.

O Estagirita apresenta o motivo pelo qual essa forma de amizade é desfeita com rapidez: ela é formada com base no prazer, à medida que os jovens vão crescendo na idade seus sentimentos também mudam. A estima de uma pessoa por outra, nesse caso, é em função

do prazer, e este é efêmero. Cita-se como exemplo o amor sexual que tem como fundamento a paixão e o prazer. Também a amizade das pessoas que visam o prazer do tipo sexual não consegue ser duradoura.

Por outro lado, essa espécie de amizade pode ser duradoura, e isso acontece, segundo o Estagirita, se as pessoas que a possui forem boas e desejarem possuir uma da outra o mesmo benefício. De fato, as boas pessoas proporcionam prazer umas às outras, assim, enquanto o objetivo almejado por elas permanece o mesmo a amizade não é desfeita. O autor de *Ética a Nicômaco* enfatiza ainda que esse tipo de amizade pode existir em todas as pessoas, maus e bons, e entre uns e outros apesar disso é evidente que apenas as pessoas boas são aptas a serem e possuírem amigos pelo caráter que possuem em si mesmos (EN, VIII, 1157a).

O Estagirita pensa que em ambas as espécies de amizades já analisadas - a utilitária e a prazerosa - o amor tem em vista o prazer e o bem, contudo, não visam o bem do outro, mas o bem próprio. Essa é uma característica daqueles que são amigos com base nessa espécie: o benefício é pessoal. Em suma, Aristóteles (EN, VIII, 1156a, 15-20) apresenta a ideia que abrange os dois tipos de amizades:

É de se concluir que numa amizade cujo fundamento é a utilidade ou o prazer, o amor presente visa ao bem e ao prazer pessoais, não se cogitando aqui das pessoas amadas, mas da utilidade ou prazer que elas propiciam. Não passa, portanto, de uma amizade incidental, uma vez que o amigo não é amado por ser o que é, mas pelo fato de proporcionar algum benefício ou prazer. Consequentemente, tais amizades são facilmente rompidas, devido à inconstância das próprias partes. De fato, se estas não produzem mais prazer ou vantagem uma para a outra, o amor deixa de existir – na medida em que temos que admitir que o útil não é uma qualidade permanente e inalterável, se diversificando a cada ocasião distinta. Resulta que, desaparecido o motivo da amizade, ela mesma é dissolvida, sua existência tendo apenas servido de meio para um fim em particular.

Fica claro que as pessoas que são amigas com base nesses tipos de *philia* não têm como princípio o bem do outro, mas o benefício que o outro indivíduo tem a lhes oferecer. Com essa ideia, Vale (2014, p. 30) apresenta o pensamento de que tanto a amizade baseada na utilidade como a que se agia no prazer devem ser também consideradas amizades, pois são análogas à amizade perfeita. Esta é assim considerada por se tratar de uma ação virtuosa entre os indivíduos bons, e constituída pela reciprocidade, pelo afeto e pela bondade. Assim, a finalidade dessa forma de amizade - perfeita - é proporcionar o bem ao outro e a si mesmo. Esse tipo de *philia* será analisado a seguir.

3.3 Amizade perfeita

Na concepção de Aristóteles dos três tipos de amizade uma delas é superior. Isto ocorre pelo fato de que essa “terceira” é considerada virtuosa, bondosa e perfeita. Sabe-se que a bondade só é possível entre as pessoas benevolentes. A amizade perfeita só seria possível entre as pessoas boas e de caráter virtuoso. Assim, ao tratar da amizade perfeita na *Ética a Nicômaco*, o Estagirita a conceitua:

Aquela entre os indivíduos bons e mutuamente semelhantes em matéria de virtude, isso porque desejam igualmente o bem mútuo na qualidade de bem e são bons em si mesmos. Ora, aqueles que querem o bem de seus amigos em favor destes, são amigos na aceção mais plena, visto que se amam por eles mesmos e não acidentalmente. Por conseguinte, a amizade destes dura enquanto continuam sendo bons – e a virtude é duradoura (EN, VIII, 1156b, 5-10).

A amizade perfeita é conceituada dessa forma como sendo aquela que existe entre as pessoas boas e, de igual modo, virtuosas. Assim, por serem bons, os amigos que têm como base essa espécie, de amizade desejam e fazem o bem em benefício um do outro. De fato, o bem recíproco só é possível entre indivíduos que possuem o mesmo nível de bondade. Por isso, essa amizade não é constituída acidentalmente como ocorre na utilidade e no prazer. Se ela não é estabelecida acidentalmente então ela é duradoura e é infundável exatamente por que as pessoas que a possuem são boas em si mesmas e essa bondade é, com base na virtude, por conseguinte é perdurável.

Ortega (2002, p. 40) mostra que a amizade perfeita “é um fim em si mesmo e não um meio para atingir algum fim, como no caso das amizades baseadas no agradável ou na utilidade”. Portanto, nesta espécie de amizade se ama pelo que a pessoa é, por causa da sua essência, e não pela utilidade ou prazer que ela é capaz de proporcionar ao outro. Por exemplo, supõe-se que os amigos de Rafael sejam seus amigos pelo caráter benevolente e virtuoso que a ele foi atribuído e não apenas pelo fato de ser inteligente ou simpático. Por isso, esse tipo de amizade é considerado perfeito.

Na verdade, os homens de bem são tais num sentido absoluto, e ao mesmo tempo são reciprocamente úteis. E assim também são agradáveis; de fato, os bons em geral são também reciprocamente agradáveis; pois, a cada pessoa são agradáveis aquelas ações que são conformes, ou correspondentes à sua maneira de pensar; e as ações dos homens são idênticas ou parecidas (BALDINI, 2000, p. 64).

Percebe-se que as pessoas que fazem ou conquistam amizades “perfeitas” são de fato boas e, por isso, representam uma bondade para os seus amigos; e por ambos serem bons é

que surge a reciprocidade entre eles. Segundo o Estagirita, essa reciprocidade virtuosa pode ocorrer até mesmo entre os indivíduos que são amigos com base nas amizades inferiores, pois a bondade permite a eles serem tanto úteis como agradáveis uns aos outros. Contudo, esse tipo de *philia* é considerado estável ou duradouro, pois entre os amigos dessa espécie se encontram todas as qualidades almejadas em uma amizade.

A despeito desse pensamento, de que a amizade perfeita é recíproca e duradoura, Vale (2014, p. 31) afirma que, “isso se dá justamente em razão de possuírem virtudes parecidas e por esse motivo se tornam amigas verdadeiramente e não como um meio para atingir um fim a elas mesmas”. Essa afirmativa veio confirmar o pensamento do Estagirita em que o amigo pode amar ao outro não pelo que ele julga ser, mas pelo que ele é em si. Sendo bom ele é capaz de proporcionar bondade à outra pessoa boa e dessa forma os indivíduos agem reciprocamente.

Os amigos com base nesse tipo virtuoso de amizade são de fato bons uns com os outros. Contudo, há duas características importantes de se analisar, a primeira, e já vista acima, é que esse tipo de amizade é duradouro, e a segunda característica a qual analisaremos a seguir, é que a amizade perfeita é difícil de se encontrar entre os indivíduos. O Estagirita ao se referir sobre a escassez dessa amizade na *Ética a Nicômaco* afirma que:

De certo topamos raramente com essas amizades, dada a escassez desses indivíduos. Que se acresça que demandam tempo e familiaridade; como diz o adágio, não se pode obter um conhecimento mútuo enquanto não se tiver comido o sal juntos; e assim não se pode admitir ter sido a amizade constituída e realmente alguém tornar-se amigos sem antes cada um fazer-se amável e digno da confiança do outro. As pessoas que entre si oferecem os testemunhos de amizade não tardam a desejar a amizade, mas não podem ser amigas sem se tornarem amáveis mutuamente e terem consciência desse fato; o desejo da amizade surge [e cresce] com rapidez, mas a amizade não desenvolve assim (EN, VIII, 1156b, 25-30).

Observa-se a partir do pensamento de Aristóteles que é natural que esse tipo de amizade seja raro, isso ocorre por que as pessoas com disposições de caráter para essa amizade também são raras, assim, se é difícil encontrar pessoas com características análogas às da amizade perfeita logo também não é fácil encontrar essa forma de amizade na sociedade. Além do mais se exige tempo e familiaridade para formar uma relação de intimidade e de confiança entre os indivíduos, é visível também que muitos desejam ter esse tipo de relação virtuosa. No entanto, o desejo não é suficiente, é preciso disposição para conquistar o outro, ou seja, é preciso parecer digno de ser amigo, e essa dignidade é manifestada por meio das atitudes de quem deseja possuir um amigo com base nessa espécie.

Reporta-se ao pensamento de Aristóteles (EN, VIII, 1156b) onde ele afirma que essa espécie é de fato perfeita, e por isso os amigos recebem um do outro o mesmo que dá ou algo semelhante, é, portanto uma forma de relação mútua entre aqueles que se dizem íntimos. E é exatamente essa relação de partilha e de familiaridade que fortalece a amizade. Aqui as pessoas de bem se amam em benefício do bem, ou seja, o amor é em prol da felicidade do outro. Deste modo, conforme provoca o problema inicial de pesquisa deste trabalho vai se confirmando que a amizade perfeita é de fato causa de felicidade para quem a cultiva. Assim, Moraes Neto (1999, p. 53) assegura que:

As pessoas amigas com base na virtude mostram-se ansiosas por fazer bem umas às outras. Isto é característica tanto da virtude quanto da amizade. Entre pessoas que se cultivam reciprocamente neste procedimento não pode haver queixas ou briga; pessoa alguma é ofendida por outra que a ama e lhe faz bem, ao contrário, a “vingança” de uma pessoa de bons sentimentos é fazer bem à outra. Uma pessoa que supera outra nos benefícios que lhe proporciona não se queixará de seu amigo, já que obtém aquilo que deseja, e o que todas as pessoas desejam é o bem.

Confirma-se que uma das boas características desse tipo de relação mútua entre as pessoas é fazer o bem, por esse motivo não há nem recriminações nem queixas nessa espécie de amizade, pois as pessoas que se amam não são ofendidas, já que o principal desejo delas é fazer o bem. E o ser bom é causa de felicidade, pois aqueles que praticam a bondade são felizes por serem bons, e os que recebem o benefício da bondade são felizes por terem sido contemplados com uma atitude bondosa. Portanto

Aristóteles considera a amizade necessária à felicidade. Ela entra no catálogo dos bens superiores. De certo modo, a felicidade verdadeira depende da amizade. Ao mesmo tempo, a natureza do homem é ser social, tendo necessidade dos outros para compartilhar seus bens espirituais, ou seja, ser virtuoso e feliz. Por isso, o homem feliz tem necessidade de amigos. Ninguém é bom somente para si mesmo. Precisamos dos amigos tanto nos momentos de prosperidade como nos de dificuldades (PICHLER, 2004, p. 200).

A amizade é considerada um bem superior por se tratar de uma virtude. Desse modo ela é causa de felicidade, por isso pode-se afirmar que a felicidade verdadeira depende da relação de amizade entre as pessoas, contudo essa relação é mais visível na comunidade. Assim, os amigos precisam dos outros quando estão bem e da mesma forma quando estão tristes. Portanto nem uma pessoa deseja viver sozinha.

4 AMIZADE: JUSTIÇA, COMUNIDADE E FELICIDADE

Este capítulo irá tratar da relação entre amizade, justiça e felicidade. Visto que Aristóteles considera a justiça de fundamental importância aos amigos, no entanto, a amizade é mais importante e, ao mesmo tempo, superior à justiça. Será feito ainda uma análise da importante contribuição da amizade para a comunidade. E em seguida versará sobre a felicidade, já que o fim último de Aristóteles ao escrever a obra *Ética a Nicômaco* foi o alcance da felicidade para as pessoas. Assim, chegaremos a uma conclusão a respeito do problema inicial desta pesquisa: se existe uma espécie de amizade perfeita e se esta seria causa de felicidade para aqueles que a cultivam.

4.1 Amizade e justiça

Ao analisar a amizade na perspectiva Aristotélica, percebe-se que o Estagirita desenvolve a amizade com o objetivo de chegar a um fim: viver em comunidade, e esse bem estar social deve estar assegurado pela justiça. O autor em estudo analisa a justiça junto à amizade e percebe que há uma estreita ligação entre as duas, ou seja, uma relação de similaridade. Aristóteles considera a amizade mais importante, pois “se as pessoas são amigas, a justiça entre elas é dispensável, ao passo que ser justo não basta, não dispensando a amizade. E considera-se que a forma mais importante de justiça consiste nas demonstrações de amizade” (EN, VIII, 1155a, 25). Assim, fica visível que homens e mulheres amigos não precisam da justiça; a mais autêntica forma de justiça é a amizade.

Vale (2014, p. 38) a respeito desse pensamento diz: “os legisladores procuram zelar mais pela amizade do que pela justiça, pois acredita que a amizade é algo de mais valor” isso ocorre, porque, segundo o Estagirita, “a amizade parece ser o vínculo que une os Estados” (EN, VIII, 1155a, 20). De fato, não somente o estado, mas a sociedade de modo geral deve zelar com maior cuidado da amizade, pois é por meio dela que pode se garantir uma forma autêntica de justiça, essa forma de relação virtuosa é também considerada responsável pela união entre as pessoas de uma sociedade.

Em conformidade com o pensamento aristotélico, Baldini (2000, p. 60) afirma que é possível comprovar essa proposição a partir do momento em que se sai em viagem, pois entre os viajantes há uma relação familiar espetacular. E essa relação existente entre os viajantes é ou pode ser a mesma atribuída às pessoas da sociedade, pois a relação de amizade entre os indivíduos deve proporcionar intimidade e ao mesmo tempo sendo justa. Por isso, o autor de

Ética a Nicômaco considera a amizade como sendo mais importante que a justiça, porém ao mesmo tempo necessária.

E é por isso que se entende que a justiça aqui, é colocada em proporção à amizade por se dirigir a uma comunidade política, que visa um ideal comunitário, abrindo mão de interesses particulares para um ideal comum vivido na coletividade através de associações e organizações sociais em vista desse Bem Comum vivido em comunidade. Somente nessa dimensão a amizade busca a efetivação da justiça e da política na comunidade. E é nessa experiência de amizade que se elucida o sentido de ser justo e consequentemente da partilha, de modo, que há uma relação estreita entre amizade e justiça (LOPES, 2012, p. 11).

É na relação em comunidade ou entre as pessoas, que se percebe o significado de ser justo com os outros e ao mesmo tempo a importância da partilha, por isso se diz que a amizade e a justiça estão concomitantemente próximas. Aristóteles (EN, V, 1129a) afirma que justiça é aquela disposição de caráter existente entre os indivíduos que as faz terem inclinação para praticar atos justos e da mesma forma deve desejar ações justas. Contudo, é notável que a justiça é uma virtude e esta é desejável e praticada entre os virtuosos.

O autor de *Ética a Nicômaco* pensa a justiça como sendo algo para o outro, pois a prática, ou seja, a vantagem virtuosa de um ato justo deve ser para a outra pessoa e não para si próprio. Por outro lado, o indivíduo que pratica a justiça para si além de estar praticando o pior dos vícios seria também a pior de todas as pessoas. Contudo, a considerada boa justiça é aquela direcionada ao outro e não ao meu interesse próprio, assim essa prática é considerada uma tarefa difícil, no entanto, nesse sentido a justiça não é vista como uma parte da virtude, mas é a virtude por excelência (EN, V, 1130a). “Em síntese, a justiça é a virtude total, pois prescreve a obediência às leis e o respeito da igualdade entre os cidadãos” (PEGORARO, 2000, p. 33).

Viu-se anteriormente que Aristóteles pensa a amizade como uma virtude necessária na vida das pessoas, e Vale (2014, p. 40) confirma que a amizade é por natureza um elemento muito importante na vida social do homem e da mulher, possibilitando assim a convivência ou ação mútua entre eles, desenvolvendo o exercício da justiça e do bem querer. É notório ainda que a convivência social das pessoas é organizada de acordo com a sociedade, o que é possível por meio da relação da amizade, assim como também só são possíveis atos justos no meio social.

Conforme Vale (2014, p. 39) a amizade perfeita é existente entre as pessoas consideradas verdadeiras, pois os amigos se importam uns com os outros, de modo que as ações dessas pessoas são boas e virtuosas. Por isso, não há necessidade da justiça já que a

amizade é por excelência justa. E no que diz respeito tanto à amizade como a justiça, são visíveis no mesmo indivíduo, por isso:

A amizade e a justiça parecem relacionar-se com os mesmos objetivos e manifestar-se entre as mesmas pessoas. Realmente, parece que em todas as formas de associação encontramos alguma forma de justiça e de amizade. É de se perceber que as pessoas dirigem-se como amigas aos seus companheiros de viagem e aos seus camaradas de serviço, bem como aos seus parceiros em qualquer outra forma de comunidade. Mas a extensão de sua amizade é limitada ao âmbito de sua associação, da mesma forma que a extensão da existência da justiça entre tais pessoas (MORAES NETO, 1999, p. 43).

Percebe-se que em toda forma de associação encontra-se tanto a justiça como a amizade, ao passo que elas se limitam também com a extensão da associação. Compreende-se também a partir de Moraes Neto que a amizade e a justiça têm os mesmos propósitos e se expressam nas mesmas pessoas. Assim, fica claro que entre as pessoas de uma comunidade, associação ou mesmo na amizade existente entre duas pessoas, sempre existirá uma relação de amizade e justiça.

Percebe-se que as ações justas ocorrem entre os indivíduos de uma sociedade e, por isso, as reivindicações referentes à justiça são visíveis entre os amigos. Essas ações diferem conforme a proporção da amizade. A respeito desse pensamento, Aristóteles (EN, VIII, 1159b-60a, 30-5) afirma:

As reivindicações referentes à justiça também diferem. Os direitos ou deveres mútuos de pais para com filhos não são idênticos àqueles existentes entre irmãos; as obrigações de camaradas não são as mesmas que aquelas entre cidadãos; e, analogamente, quanto às formas de amizade. A injustiça, portanto, também se constitui diferentemente no que toca a cada uma dessas associações e o ato injusto se torna crescentemente mais grave quanto maior for a amizade. Por exemplo, é mais deplorável defraudar um camarada do que um concidadão, ou deixar de auxiliar um irmão do que um estranho; ou agredir o próprio pai do que agredir qualquer outra pessoa. De modo análogo, é natural que as reivindicações no tocante à justiça devam também ser maiores quanto maior for a amizade, uma vez que a amizade e a justiça existem entre as mesmas pessoas e apresentam igualmente extensão.

Ao passo que muda a forma de associação ou de relação, conseqüentemente muda a reivindicação de justiça entre as pessoas. Da mesma forma acontece com a injustiça, visto que quanto maior e melhor for a amizade o ato injusto se torna mais grave. Por exemplo, é mais grave agredir a mãe ou a professora? Supõe-se que a relação de familiaridade e de intimidade é mais forte entre o filho e a mãe. Por isso, a injustiça seria maior se procedesse de forma agressiva contra a mãe. Assim, Vale (2014, p. 41) assevera que “o mais elevado grau de injustiça existe onde a proximidade e a amizade são maiores e mais intensas, pois os amigos

jamais esperam uns dos outros atos injustos, pelo contrário, o amigo confia, acredita e conta com as boas ações do outro a seu favor”.

Seria, portanto uma injustiça o amigo mentir para o outro, pois entre amigos se preza pelo que é verdadeiro e justo. Essa autenticidade entre os amigos proporciona a eles a prática do bem, tornando-os cidadãos virtuosos. Pegoraro (2000, p. 38) a respeito desse pensamento assevera que pela prática da justiça as pessoas alcançam o fim último, que é o bem viver. Esse bem estar proporcionado por atos justos é presente por excelência na sociedade ou entre os indivíduos de modo particular. Contudo Warken (2005, p. 91) diz que:

Aristóteles considera a *philia* uma forma mais elevada de justiça, pois quando há amizade, a justiça se faz desnecessária. Mas, amizade e justiça operam em situações diferentes. A amizade acontece nas comunidades, nas associações e possui um caráter público. No espaço público não é possível a amizade substituir totalmente a justiça. No público o mais importante é a constituição de direitos. A amizade tem primazia sobre a justiça nas associações, que são partes da comunidade política, mas no âmbito público é a justiça que resolve os conflitos, principalmente entre os homens que não são virtuosos e não pertencem às associações. As relações de amizade não são legalizáveis e por isso são mais frágeis e mais livres. A justiça é sinônimo de legalidade.

Para Aristóteles, à amizade possui um caráter público e é exatamente na comunidade onde surge a amizade. Assim, é possível que amizade seja considerada uma forma justa de relação. “Portanto, a amizade e a justiça são primordiais na concretização de uma sociedade equitativa, onde seus cidadãos possam agir de maneira justa, e onde os elementos fundamentais para a conquista da felicidade possam se perpetrar nela” (VALE, 2014, p. 42).

4.2 Comunidade: Uma configuração à amizade

Na análise feita até aqui a respeito da amizade, percebe-se que ela é uma relação virtuosa de intimidade entre os indivíduos de uma comunidade. Embora tenha sido trabalhada a amizade como uma relação entre duas pessoas, é visível a partir do pensamento de Aristóteles que a amizade tanto é possível entre dois indivíduos, como também é considerada relação entre várias pessoas e, por isso, essas relações só são possíveis na comunidade.

Aristóteles (EN, VIII, 1158a) pensa que não é possível ter muitos amigos no sentido de ter com eles uma amizade perfeita, no entanto, ele não define a quantidade, mas afirma que é justo manter o meio termo, ou seja, nem muitos nem tão poucos. A quantidade suficiente para se viver bem. O teórico estudado elucida a importância do bem estar daqueles que são amigos, e que o fazer bem só é possível na relação com o outro, ao passo que a quantidade de

amigos não é o mais importante, mas a qualidade com que cada uma dessas pessoas trata os seus amigos. Nesse contexto, é possível perceber a relação comunitária a partir do momento em que o teórico afirma ser possível uma amizade perfeita, ou seja, uma amizade virtuosa e esta fundamentada na bondade.

Fica cada vez mais claro que a *philia* é uma conexão harmoniosa que se dá entre os indivíduos considerados bons. Assim, Vale (2014, p. 47) considera que “é da natureza do homem, o convívio social com os outros, isto é, “viver” e “conviver” em comunidade procurando o bem uns dos outros. Ora, isto qualifica o homem como ser social, capaz de viver junto como o outro, partilhando reciprocamente seus sentimentos”. Por isso, Aristóteles na *Ética a Nicômaco* pensa que é de fundamental importância ter amigos e que seria impossível viver sem eles. Assim, o conviver é causa de felicidade. Nesse contexto Aristóteles assevera que:

Essa felicidade não será conseguida se não habitarem os homens um só e único lugar, e se não se recorrer aos casamentos. E eis aí o que originou, nos Estados, as alianças de famílias, as fratrias, os sacrifícios comuns e os divertimentos que acompanham tais reuniões. Todas essas instituições são obra de uma benevolência mútua. É a amizade que conduz os homens à vida social. O escopo do Estado é a felicidade na vida. Todas essas instituições têm por fim a felicidade. A cidade é uma reunião de famílias e pequenos povoados associados para gozarem em conjunto uma vida perfeitamente feliz e independente. Mas bem viver, segundo o nosso modo de pensar, é viver feliz e virtuoso. É preciso, pois, admitir em princípio que as ações honestas e virtuosas, e não só a vida comum, são o escopo da sociedade política (POLÍTICA, III, V, 1280b-81a, 35-5).

A partir desse pensamento percebe-se que a constituição de uma comunidade é necessária, pois é por meio dela que se alcança o fim último, a felicidade. É por isso que as instituições sociais, as relações familiares, as casas religiosas e as confrarias, são formas de comunidades por meio das quais se vive uma vida feliz, já que elas são meios que conduzem ao viver bem. Contudo, é por meio da amizade que o homem é inserido no meio social.

Com a compreensão de Aristóteles (EN, VIII, 1159b) fica claro que aquilo que dá sentido à comunidade é a amizade, pois, nessa relação existente entre as pessoas de uma comunidade todas as coisas são comuns. Pode citar-se como exemplo os irmãos, e os camaradas, que possuem tudo em comum. Isso ocorre porque a relação entre eles é de familiaridade, de intimidade. Nesse sentido, seria injusto se não houvesse comunhão entre eles, pois supõe-se que entre amigos há confiança e liberdade. No entanto, há aqueles amigos que mantêm apenas as coisas especiais à disposição de todos.

O surgimento da amizade, como já analisado acima, se dá na comunidade, e esta é de fundamental importância para as pessoas que tem bons propósitos e desejos de conquistar

amigos. É na comunidade que se faz possível, de fato, conhecer o outro. Lara (2009, p.44) considera que para o surgimento da amizade é de fundamental importância o “convívio”, pois é por meio dele que se firma a amizade e esta tem como fundamento o bem recíproco e a concórdia. Percebe-se também que é na sociedade que os indivíduos se sentem realizados, pois a convivência na comunidade favorece o nascimento da amizade e em consequência favorece a felicidade.

Compreende-se que é de fundamental importância o viver em comunidade, no entanto, Pegoraro (2000, p. 30) adverte: “não basta, portanto, que os cidadãos se reúnam em comunidade para viver; isto fazem também os animais como, por exemplo, as formigas e as abelhas; é preciso que a pólis seja o lugar onde os cidadãos vivem bem, ou seja virtuosamente”. O que se quer deixar evidente aqui é que a comunidade deve ser um espaço não somente de viver, mais principalmente um lugar onde as pessoas possam conviver virtuosamente entre elas, e a partir daí possam alcançar os objetivos por elas almejados, como por exemplo, a amizade verdadeira. Fica claro, portanto, que a comunidade favorece o relacionamento da amizade e, por conseguinte, a felicidade.

4.3 Amizade: Uma configuração à felicidade

Na análise acerca da *philia* ficou claro que é impossível viver essa relação virtuosa sem uma convivência com o outro. Ao passo que só é possível existir justiça e amizade se a priori existir a convivência. E é em consequência, que a justiça e a amizade são virtudes essenciais para chegar à felicidade. Contudo, é evidente que a felicidade faz parte da vivência das pessoas que são amigas e convivem umas com as outras. Pois é de caráter da felicidade se fazer presente nas pessoas que convivem e de modo especial entre aqueles indivíduos que se tonam amigos com fundamento na virtude.

Reportemos ao pensamento aristotélico para saber se o homem feliz precisa ou não de amigos. A amizade virtuosa é fundamentada na sabedoria racional, assim, chega-se a uma conclusão afirmada pelo próprio autor de que “o ser humano é um ser social e destinado naturalmente à vida coletiva; em conformidade com isso, o indivíduo feliz vive em comunidade, porque possui tudo o que é naturalmente bom” (EN, IX, 1169b, 15). O filósofo em estudo afirma, portanto que, “a felicidade é atividade e atividade é claramente algo que vem a ser e não algo que possuímos, como algum item de propriedade” (EN. IX, 1169b, 25). De fato a felicidade se constrói ao logo de um percurso, passando inclusive pela amizade que

é uma virtude perfeita para a atividade da felicidade. Nesse mesmo contexto, Moraes Neto (1999, p. 86) confirma:

O homem feliz deve ter uma vida agradável. Ora: se ele fosse um solitário a vida lhe seria difícil, pois para uma pessoa só não é fácil estar continuamente em atividade; com outras pessoas, todavia, e em relação a outras, isto é mais fácil. Com outras pessoas, então, sua atividade será mais contínua e será mais agradável em si, como deve ser para um homem feliz; de fato, uma pessoa boa se compraz, com ações conformes à virtude e se constrange com ações decorrentes da deficiência moral, da mesma forma que uma pessoa dotada de sensibilidade musical se compraz com as belas melodias, mas sofre com as desagradáveis.

Observa-se que a felicidade é caracterizada como uma atividade, logo ela não é inata, pois a atividade é algo que se constrói gradualmente, ao passo que a felicidade se fundamenta progressivamente por meio das ações virtuosas. Com efeito, não é fácil que as atividades sejam realizadas por indivíduos particulares, entretanto quando uma atividade é desenvolvida com o outro e pelo outro, ela se torna ainda mais agradável e permite a felicidade daqueles que a praticam. Por exemplo, o ato de conversar com o amigo frequentemente, é uma atividade que, se recíproca, é causa de felicidade para os amigos.

Nesse contexto, Faria (2013, p. 53) esclarece que para a existência da eudaimonia (felicidade) é necessário que as pessoas se coloquem em atividade, e um meio para tornar essa atividade uma prática é a convivência, ou seja, a partir do encontro com o outro. Com essa perspectiva ou com esse modo de pensar percebe-se que a ação moral tem como referência não as pessoas ensimesmadas, individualistas, mas as pessoas que se voltam para o outro, para perceber o outro, na condição de um sujeito que é um “ser-para-com-o-outro”. Dessa forma a eudaimonia constituída, não se trata da felicidade de um ou de outro, mas de cada um dos amigos. Nesse contexto, o autor estudado levanta um questionamento pertinente para a discussão: é possível que as pessoas felizes necessitem de amigos? A respeito desse pensamento ele assevera:

O que é mais característico entre os amigos é buscarem regularmente a companhia uns dos outros; os que estão necessitados querem ajuda, e mesmo os maximamente felizes desejam a companhia de amigos (realmente, estes são os que menos se interessam na solidão). Mas é impossível aos indivíduos passarem seu tempo juntos sem se proporcionarem mútuo prazer e ter gostos comuns. É o que parece caracterizar indivíduos que são camaradas (EN, VIII, 1172b).

Sobre a felicidade, fica evidente que só é possível e adquirível na convivência. Contudo, as pessoas que são amigas e principalmente se o forem com base na virtude, é característico delas o desejo de estarem juntas. Por isso, à medida que os amigos convivem

eles passam a ter os mesmos prazeres e gostos comuns, assim é possível perceber a ação recíproca entre eles. Desse modo, é possível afirmar, que mesmo as pessoas felizes precisam de amigos, pois, aquelas que passam por dificuldade precisam de amigos, ao passo que as pessoas felizes não desejam ficar sozinhas, e de fato, aqueles que são felizes precisam de um outro para partilhar a felicidade.

Vale (2014, p. 49) compreende que o tipo de amizade que pode levar o homem à felicidade, na sociedade atual é um ideal e proposta aristotélico, pois as pessoas vivem desconfiadas umas das outras, isso ocorre devido à perda dos valores, à falta de respeito e à responsabilidade pelo outro. No entanto, é possível fazer amizade verdadeira, sem interesse, mesmo que essa seja entre poucas pessoas. Contudo, em meio às difíceis realidades de convivência, como por exemplo, a desconfiança em que vivem as pessoas, fica o apelo de Aristóteles (EN, VIII, 1159a) de que a amizade consiste mais em amar do que ser amado.

No estudo sobre essa concepção, se compreende a importância da amizade na vida das pessoas, que ela é, de fato, uma virtude e por meio dela é possível encontrar um ideal de felicidade. Foram analisadas as três espécies de amizade, e a partir delas chegou-se à conclusão de que existe uma amizade perfeita que é causa de felicidade para as pessoas que a cultivam. Assim, os amigos bons são aqueles que exercem a atividade da amizade perfeita. E assim como a filosofia é um processo de conhecimentos, pois ela é amiga da sabedoria, dessa mesma forma acontece para aqueles que desejam ser amigos com base na virtude, pois para ser amigo com base nessa espécie é necessário conhecer o outro e conviver com ele.

5 CONCLUSÃO

A amizade é conceituada por Aristóteles como sendo uma virtude, e ela é necessária e de fundamental importância na vida das pessoas. Por isso nenhuma pessoa escolheria viver sem amigos, mesmo que estas fossem ricas, e que a riqueza fosse seu principal motivo de felicidade, pois, de que adiantaria ter muitos bens se não há com quem partilhar a alegria de possuir tais coisas. Dessa forma, a amizade virtuosa é aquela em que os amigos convivem e partilham dos mesmos projetos, das mesmas alegrias, e das mesmas tristezas, por isso que amizade é também considerada como um ato de reciprocidade.

Contudo, a amizade é análoga a outras virtudes, como por exemplo, a prudência, a justiça, a generosidade, a compaixão, a gratidão, a humildade, a simplicidade, a doçura, o humor, o amor e por fim, a felicidade, e esta pode ser considerada aquela chamada de o “fim último” da amizade. Assim, pode-se considerar essa relação de amizade com as várias virtudes por se tratar de uma relação existente entre elas por natureza. E essa relação é o que favorece o bem viver em comunidade, mas sobre tudo, possibilita e facilita a união entre as pessoas da sociedade.

De acordo com o que nos propusemos no objetivo geral, foi feita uma análise da concepção de amizade a partir do pensamento de Aristóteles em sua obra *Ética a Nicômaco*, da mesma forma foi feito uma análise sobre as três espécies de amizade, chegando dessa maneira à conclusão de que existe a amizade perfeita e que ela conduz as pessoas à felicidade. No entanto para os indivíduos serem felizes com base nesse pensamento eles devem ser virtuosos pois, esse tipo de amizade só é possível entre as pessoas boas.

Da mesma forma, afirma-se a respeito do problema, pois norteou-se no primeiro momento em afirmar que existem três espécies de amizade e uma delas mais virtuosa que as outras, em seguida fez-se o questionamento; é possível que esta proporcione felicidade a quem a cultiva? Percebeu-se que a amizade é causa de bem estar para aqueles que a possui, mesmo as pessoas que cultivam a amizade com base na utilidade e no prazer, no entanto, é visível que a amizade virtuosa ou perfeita é a que de fato causa felicidade para as pessoas que a cultivam.

Trata-se de uma amizade baseada na bondade, por isso ela só é possível entre as pessoas boas, logo, só existe entre as pessoas virtuosas. Dessa forma, é característica dos amigos desse tipo, o desejo de estarem sempre juntos, pois, um proporciona felicidade ao outro ao passo que ambos agem mutuamente e de fato, a reciprocidade deve ser um ideal para aqueles que desejam ser amigos virtuosos. Contudo, uma boa amizade só é bem firmada com

o diálogo e com a convivência, pois estes fatores proporcionam a familiaridade e a intimidade que são essenciais para perceber se de fato a amizade existente é perfeita ou não.

O diálogo é de fundamental importância na amizade, principalmente no surgimento da mesma, pois no início de uma amizade as pessoas estão vulneráveis, e o que faz firmar um bom relacionamento é o ato de compreender o outro, isso passa pelo falar, mas principalmente pelo ouvir, essa atitude pode ser caracterizada como um ato mútuo, pois a reciprocidade é exatamente a capacidade de retribuir ao outro (nesse caso de forma virtuosa) o que lhes foi feito. Assim, os amigos desejam serem compreendidos no que falam e no que fazem, e é evidente que o amigo competente é capaz de perceber no outro o que se passa, principalmente se essa amizade for resultado de uma convivência mútua.

Por outro lado, ser e cultivar amigos nos dias atuais é um grande desafio, pois as pessoas estão a cada dia mais vulneráveis a desconfiança, e esta é uma característica que não pode existir entre aqueles que desejam serem amigos com base na virtude, de fato, a desconfiança é um motivo para o declínio da relação de *philia*. Por isso, a mentira é considerada inimiga da amizade.

Entretanto, percebe-se outra característica que pode ser positiva ou negativa dependendo de quem a utiliza, que são os meios de comunicações virtuais (facebook, whatsapp, instagram, etc.). Lançando ótica pelo lado negativo, vê-se o avanço da ciência (comunicação) como uma alienação e essa característica pode ser atribuída aos relacionamentos entre as pessoas. Observa-se que a partir do momento em que os indivíduos passam a se relacionar virtualmente ocorre que entre eles pode haver uma redução na convivência pessoal uns com os outros. Por outro lado, os meios de comunicações podem ser vistos como uma facilidade de acessibilidade entre as pessoas. Dessa forma, eles são utilizados para aproximar aqueles que estão distantes ou mesmo para se tornar os próximos ainda mais próximos, pois, Aristóteles pensa que faz parte da essência dos amigos o desejo de estarem sempre perto.

Com esse trabalho foi possível perceber o essencial valor da amizade na vida das pessoas e a importância dela para a sociedade, pois, a cidade onde os indivíduos são amigos os legisladores não se preocupam com a lei, pois a amizade é uma forma de justiça, logo, onde há amizade não há necessidade de justiça. Ao passo que a amizade é também causa de felicidade, principalmente para as pessoas que são e possuem amigos verdadeiros ou com base na bondade.

De fato, só é possível ser amigo com base na virtude daqueles que são bons em si mesmos. Dessa forma, partilharão entre eles as atitudes de bondade, essa convivência

reciproca só é possível na comunidade, por isso se diz que a comunidade é uma configuração à amizade e esta é uma configuração à felicidade, de modo que, a amizade é sim causa de felicidade para aqueles que a cultivam. Fica, portanto, evidente que ser amigo é ser uma pessoa familiar ao outro, bondosa, presente e principalmente virtuosa.

Conclui-se este trabalho na certeza de que tanto o objetivo, como o problema almejado foram alcançados. O objetivo geral para a pesquisa deste trabalho foi: apresentar a concepção de Aristóteles acerca da amizade, explorando a compreensão dos três tipos de amizade para observar qual deles melhor conduz à felicidade. Portanto, ficou claro que é a amizade virtuosa que conduz a felicidade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. 4 ed. São Paulo. Martins Fontes, 2000.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução por Torrieri Guimarães. 6. ed. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2001.

_____. **Política**. Trad. de Nestor Silveira Chave. 2. ed. Bauru: Editora Edipro, 2009.

BALDINI, Massino. **Amizade e Filósofos**. Tradução por Antonio Angonese. Bauru: Edusc, 2000.

BARBOSA JÚNIOR, Possidonio Ferreira. **Justiça Política e Virtude Ética**. 1. ed. Pará de Minas: VirtualBooks, 2012.

BARNES, Jonathan. **Aristóteles**. Tradução por Ricardo Hermann Ploch Machado. Aparecida: Ideias e Letras, 2009. (Companions e Companions).

BRUGNERA, Nedilson Lauro. **A Escravidão em Aristóteles**. Porto Alegre: Editora Grifos, 1998.

FARIA, Renato Daniel Araújo de. **O bem viver comunitário como fundamento da ética: Provocações sobre a alteridade no pensamento aristotélico**. 2013. 107f. Dissertação (mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Filosofia, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.faculdadejesuita.edu.br>. Acesso em: 13 set. 2015.

LARA, Renata de Oliveira. **A amizade na Ética a Nicômaco**. 2009. 90f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: <https://www.uece.br/cmat/dmdocuments/dissertacao2009_amizade_etica_nicomaco.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2015.

LOPES, C. M. M. **O significado da amizade em comunidade de amigos na ética a Nicômaco**. IN: REVISTA FAFIC, Nº3, Vol 3, Ano 2012/2013. Disponível em <http://www.fescfafic.edu.br>. Acesso em: 25 agosto, 2015.

MORAES NETO, Joaquim José de. **A amizade em Aristóteles**. Londrina: ed. UEL, 1999.

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da Amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PEGORARO, Olinto A. **Ética é Justiça**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

PICHLER, Nadir Antonio. **As três formas de amizade na ética de Aristóteles**. IN: *Ágora Filosofia*, Universidade Católica de Pernambuco, Ano 4, n. 2, jul/dez, 2004, p. 193 a 207.

RACHELS, Jâmes. **Os Elementos da Filosofia da Moral**. 4. ed. Tradução de Roberto Cavallari Filho. Barueri: Manole, 2006.

VALE, Anna Paula de Oliveira do. **Amizade em Aristóteles: do conceito de *philia* para a amizade cívica em “Ética a Nicômaco”**. 2014. 54f. Monografia (Graduação) – Curso de Filosofia, Universidade Estadual do Maranhão, 2014.

WRKEN, Hilda Maria. **Significado ético da amizade na Ética a Nicômaco**, 2005. 107f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102014>. Acesso em: 23 abr. 2015.